



III Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas

L U S O C O N F
2021

LIVRO DE ATAS

Proceedings

Editores:

Carlos Teixeira
Vitor Gonçalves
Paula Odete Fernandes
Carla Sofia Araújo

Instituto Politécnico de Bragança
setembro de 2022

Ficha Técnica

Título

LUSOCONF2021
III Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas

Editores

Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança
Vitor Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança
Carla Sofia Araújo	Instituto Politécnico de Bragança

Capa

António Meireles e Vitor Gonçalves

Edição

Instituto Politécnico de Bragança
Campus de Santa Apolónia
5300-253 Bragança
Portugal

Data de edição: setembro de 2022

ISBN: 978-972-745-295-8

DOI: 10.34620/lusoconf.2021

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/25130>

URL: www.lusoconf.ipb.pt

Email: lusoconf@ipb.pt

Índice

Comissão Científica	viii
Comissão Organizadora	x
Programa Geral do LUSOCONF2021	xi
Organizadores, Patrocinadores e Colaboração	xii
Nota de apresentação do LUSOCONF2021	1
Artigos	3
Da política à religião na escrita de Junqueiro	4
From politics to religion in Junqueiro's writing	4
Formação de professores sobre fermentação/respiração de leveduras com material acessível para a 12.ª classe de Moçambique	12
Teacher training on yeast fermentation/respiration with accessible material for the Mozambican 12th grade	12
A construção de textos narrativos: o desenvolvimento da dimensão temporal	23
The construction of narrative texts: the development of the time dimension	23
Por que é negro o carvoeiro? Sobre um provérbio português	32
Why is the coal merchant black? About a Portuguese proverb	32
Cultura e turismo: o caso do município de Miranda do Douro	36
Culture and tourism: the case of Miranda do Douro municipality	36
Práticas educativas com TIC no ensino secundário de Cabo Verde	49
Educational practices with ICT in secondary education in Cape Verde	49
Relação cultura e educação sob o ponto de vista do ensino primário	57
Relation culture and education from the point of view of primary education	57
Mãos ao Solo: as hortas escolares como ferramenta pedagógica no 1.º Ciclo do Ensino Básico	66
<i>Mãos ao Solo</i> : school garden as a pedagogical tool in the Elementary School	66
Satisfação e motivação dos colaboradores nas empresas: estudo de caso	74
Employee' satisfaction and motivation in companies: case study	74
Experiências turísticas memoráveis da cidade do Porto	80
Memorable tourist experiences in the city of Porto	80
Avaliação de investimentos reais através de métodos dinâmicos: aplicação ao terceiro setor	88
Real investment valuation through dynamic methods: application to the third sector	88
Finanças pessoais: atitude e comportamento de gestão	99
Personal finance: management attitude and behavior	99
Gil Vicente e o teatro moderno	116
Gil Vicente and the modern theatre	116
Os (primeiros) passos da consciencialização municipal para uma economia circular	125
The (first) steps of municipal awareness for a circular economy	125

Em busca da matemática em Terras de Trás-os-Montes: um olhar fotográfico.....	135
Searching for mathematics in Terras de Trás-os-Montes: a photographic look.....	135
A formação das políticas públicas de habitação no Brasil e em Portugal.....	143
The formation of public housing policies in Brazil and Portugal.....	143
Duas plataformas de <i>e-learning</i> – uma decisão informada.....	152
Two e-learning platforms – an informed decision.....	152
Mobilidade e incentivos: a política pública convence os médicos?.....	173
Mobility and incentives: Do public policy persuade doctors?.....	173
Atividades experimentais nos livros didáticos: um estudo com manuais escolares brasileiros.....	183
Experimental activities in textbooks: a study with brazilian textbooks.....	183
A importância dos recursos de base tecnológica nas empresas face à pandemia.....	192
The importance of technology-based resources in companies in the face of the pandemic.....	192
Utilidade reconhecida à informação financeira na perspetiva dos Contabilistas Certificados.....	202
Recognized utility to financial information from the perspective of Certified Accountants.....	202
A utilidade da informação contabilística na perspetiva dos gestores/empresários.....	212
The usefulness of accounting information from the perspective of managers/entrepreneurs.....	212
Apoio da cooperação internacional na (re)edificação do sistema educativo de Timor-Leste.....	223
The support of international cooperation in the (re)construction of the education system of East Timor.....	223
Tendências e dinâmicas da atual cooperação internacional para o desenvolvimento.....	232
Current dynamics and trends in international development and cooperation.....	232
Linguagem Musical: função pedagógico-didática e cívico-social.....	240
Musical language: pedagogical-didactic and civic-social function.....	240
Políticas de língua: português, chinês e crioulo sino-português em Portugal e Macau.....	247
Portuguese, chinese, and sino-portuguese creole language policies in Portugal and Macao.....	247
Língua materna na aula de Português como língua estrangeira em Goa, Índia.....	254
Mother tongue language in the Portuguese foreign language classroom in Goa, India.....	254
O detetive pessoano: Abílio Quaresma e a loucura.....	262
Pessoa's detective: Abílio Quaresma and insanity.....	262
Macabea: um <i>clown</i> inconsciente (a partir d' <i>A Hora da Estrela</i> de Clarice Lispector).....	268
Macabea: an unconscious <i>clown</i> (from Clarice Lispector's <i>the Hour of the Star</i>).....	268
Dispositivos móveis digitais: a experiência de estudantes de Secretariado portugueses e brasileiros.....	273
Mobile digital devices: the experience of Portuguese and Brazilian Office Management students.....	273
Como alavancar negócios e crescer no e-commerce: estratégias de atração e fidelização.....	283
How to leverage business and grow in e-commerce: attraction and loyalty strategies.....	283
Uma análise quantitativa do ensino de Português na China.....	290
A quantitative analysis on the teaching of Portuguese in China.....	290
Divulgação do Projeto (H)OLD ON: da conceção à sensibilização.....	296
Dissemination of the (H)OLD ON Project: from design to awareness.....	296
Construção de recursos multimodais: para a promoção do português como língua de ciência.....	304
Building multimodal resources: toward the promotion of Portuguese as a language of science.....	304
Mouros e Cristãos: da ibéria reconquistada à cristianização do novo mundo.....	313

Moors and Christians: from the reconquered Iberia to the christianisation of the new world.....	313
O olhar nostálgico do (não) Retorno, de Dulce Maria Cardoso	321
The nostalgic look of the (non) Return, by Dulce Maria Cardoso	321
Recursos didáticos na aprendizagem do conhecimento do mundo	328
Didactic resources in learning of the world knowledge.....	328
A cidadania está na escola!.....	339
Citizenship is in school!.....	339
Doença de Parkinson: estudo epidemiológico de diagnósticos ativos no distrito de Bragança	351
Parkinson's disease: epidemiological study of active diagnoses in the district of Bragança	351
Análise do sistema de ensino brasileiro e português na sociedade do conhecimento	357
Analysis of the Brazilian and Portuguese education system in the knowledge society.....	357
Que farei com este texto? – a poesia no 1.º ciclo do ensino básico.....	365
What shall I do with this text? – poetry at elementary school.....	365
Que farei com estes livros? – propostas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	372
What shall I do with these books? – pedagogical proposals for elementary school.....	372
<i>Olifaque -uma farsa em emigres-</i> reflexões à volta da portugalidade.....	380
<i>Olifaque -uma farsa em emigrês-</i> reflections about portugality	380
O mundo de expressão portuguesa no Festival de Cinema de Avanca: encontro de mundos.....	387
The Portuguese-speaking world at the Avanca Film Festival: gathering of worlds	387
Redução vocálica em português europeu: Um processo em declínio?	397
Vowel reduction in European Portuguese: An evanescent process?	397

Comissão Científica

Adília da Silva Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Albert Wall	Universidade de Zurique, Suíça
Albino Bento	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alcina Maria Nunes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alexandra Soares Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Amélia Polónia	Universidade do Porto, Portugal
Amílcar Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Maria Brito	Universidade do Porto, Portugal
Ana Maria Martinho	Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Ana Paula Monte	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Sofia Cardim	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Borges Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Domingos Abreu	Reserva Biosfera Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe
António Meireles	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Artur Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Augusto Soares da Silva	Universidade Católica Portuguesa, Portugal
Betina Lopes	Universidade de Aveiro, Portugal
Bruno Sousa	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal
Carla Araújo	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carla Guerreiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carlos Casimiro da Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Catarina Martins	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cláudia S. Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cristina Flores	Universidade do Minho, Portugal
Cristina Martins	Universidade de Coimbra, Portugal
Cristina Mesquita	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Elsa Esteves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Emília Nogueiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fernanda Amélia Ferreira	Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Fernando José Fraga Azevedo	Universidade do Minho, Portugal
Fernando Ramallo	Universidade de Vigo, Espanha
Francisco Paiva	Universidade da Beira Interior, Portugal
Francisco Topa	Universidade do Porto, Portugal
Graça Rio-Torto	Universidade de Coimbra, Portugal
Graça Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Isabel Aires de Matos	Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Isabel Margarida Duarte	Universidade do Porto, Portugal
João Cunha	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
João Paulo Madeira	Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde
João Veloso	Universidade do Porto, Portugal
Joaquim Mendes Leite	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Jorge Manuel Alves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
José António Brandão	Universidade do Minho, Portugal
José Pires Laranjeira	Universidade de Coimbra, Portugal
José Teixeira	Universidade do Minho, Portugal
Lídia Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Luciana Pereira da Silva	Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Luísa Lopes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Manuel Ângelo Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Manuel Célio Conceição	Universidade do Algarve, Portugal
Manuel Fonseca	Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal
Manuel Moreira da Silva	ISCAP - Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Marcos Sorrentino	Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Antónia Mota	Universidade de Lisboa, Portugal
Maria Augusta Mata	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Maria da Conceição Nunes	Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Maria José Gonçalves Alves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Maria José Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Marília A. Torales Campos	Universidade Federal do Paraná, Brasil
Mário Cardoso	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Mário Viaro	Universidade de São Paulo, Brasil
Olga Santos	Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Otília Sousa	Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Paulo Castro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Paulo Mafra	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Couceiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Manuel Nunes	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal
Pilar Gutiez Cuevas	Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Ricardo Alexandre Correia	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ricardo Jorge Correia	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Rómima Laranjeira	Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil
Rui Pereira	Universidade de Coimbra, Portugal
Sandra Tapadas	Universidade de Lisboa, Portugal
Sílvia Melo-Pfeifer	Universidade de Hamburgo, Alemanha
Sofia Bergano	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Sónia Nogueira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Vitor Barrigão Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Comissão Organizadora

Coordenação:

Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Dina Macias	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Eduardo Alves	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Fernanda Silva	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Vitor Barrigão Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Membros:

Adília Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alexandra Soares Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Amílcar Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Paula Monte	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Meireles	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Armindo Rodrigues	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Carla Guerreiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carla Araújo	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Catarina Martins	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cecília Falcão	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fátima Martins	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Helena Genésio	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Isabel Castro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Jacinta Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
João Pontífice	Universidade de São Tomé e Príncipe, São Tomé e Príncipe
Lídia dos Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Luciana Pereira da Silva	Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Manuel Coelho da Silva	Fundação Jorge Álvares, Portugal
Maria José Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Couceiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Oliveira	Université Jean Monnet, França

Redução vocálica em português europeu: Um processo em declínio?

Variedades europeias e não europeias do português em rota de aproximação (*)

Vowel reduction in European Portuguese: An evanescent process?

European and non-European Varieties of Portuguese on an approximation route

João Veloso^{[orcid.org/0000-0002-5070-8838]}

jveloso@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

Resumo. A principal característica fonético-fonológica que delimita as variedades europeias do português opondo-as às variedades não europeias é a redução átona. Neste trabalho, são analisadas algumas evidências que sugerem que este processo fonológico estará, atualmente, numa fase de retrocesso: neologismos e pseudopalavras processadas enquanto neologismos não sofrem a redução átona de forma tão sistemática quanto formas menos recentes. Estes dados são interpretados como indício de que a redução átona estará a perder produtividade enquanto processo fonológico no português europeu contemporâneo, o que nos permite antever uma reaproximação fonética e fonológica entre o português europeu e as restantes variedades da língua.

Palavras-Chave: Vocalismo, Redução do Vocalismo Átono, Apagamento vocálico, Ritmo silábico/acental, Variedades do português.

Abstract. The main phonetic-phonological feature that marks the boundary between European and non-European varieties of Portuguese is unstressed vowel reduction. In this study, we shall analyse some evidence suggesting that this phonological process is undergoing some lack of productivity: neologisms and pseudowords processed as neologisms do not undergo vowel reduction so systematically as older forms do. These data will be analysed as a clue of the decline of vowel reduction in the phonology of European Portuguese. This makes it possible to foresee the mitigation of phonetic/phonological distance between European and non-European varieties of Portuguese.

Keywords: Vocalic systems, Unstressed Vowel Reduction, Vowel Deletion, Stress- and Syllable-Timed Languages, Varieties of Portuguese.

1 Introdução

Uma das características fonético-fonológicas que, de acordo com as descrições do português, contribuem de forma mais evidente para a diferenciação das variedades europeias do português

(*) Investigação financiada pela **Fundação para a Ciência e a Tecnologia** através do financiamento atribuído ao Centro de Linguística da Universidade do Porto (FCT-CLUP UIDB/00022/2020) e pela **Fundação Calouste Gulbenkian** através do Projeto “O Português é uma Língua Pesada?” contemplado pelo Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas (Projeto FCG-PGLCP065/207457).

contemporâneo relativamente às outras variedades da língua é a *redução átona* (Mattos e Silva 2013: 149; A. Andrade 2020: 3304), por sua vez relacionável com uma outra propriedade do português europeu contemporâneo (PEC) que é a sua possível inserção, no âmbito da dicotomia de Pike (1945), nas chamadas “línguas de ritmo acentual” (por oposição às “línguas de ritmo silábico”) (Major 1981; 1985; Pamies Bertrán 1999; P. Barbosa 2000; Frota, Vigário & Martins 2002).

No presente artigo, o nosso propósito central consiste em examinar a possibilidade de a redução átona se encontrar provavelmente, no estágio atual da língua, numa eventual fase de regressão em termos da sua produtividade no sistema fonológico. Se esta hipótese se verificar, poderemos vir a interpretá-la como um indício interessante de que, neste ponto pelo menos, as diversas variedades nacionais do português estarão a aproximar-se fonética e fonologicamente entre si (tendo em conta que, como dissemos de início, este processo fonológico, nas formas por que se manifesta no PEC, é assumido como idiossincrático e exclusivo dos dialetos europeus do português e, por conseguinte, como delimitador do PEC relativamente às restantes variedades da língua).

No texto, começaremos por ver (secção 2) alguns aspetos gerais da redução do vocalismo átono e das suas particularidades em português.

Na secção 3, deter-nos-emos sobre alguns indícios que sugerem que a redução átona estará provavelmente a regredir enquanto processo fonologicamente produtivo no português europeu contemporâneo. Os principais dados em que nos focaremos para explorar esta possibilidade provêm (i) da observação de certas formas neológicas do português, analisando diferenças no padrão de aplicação/inibição das regras da redução átona em formas pertencentes a estratos temporais distintos, e (ii) de dados experimentalmente induzidos num trabalho exploratório (Gomes 2021) em que procuraremos averiguar aspetos da produtividade do processo ao nível das representações fonológicas abstratas dos falantes nativos da língua (secção 3.1 do artigo).

A secção 4 será reservada para algumas considerações finais, ancoradas na discussão dos argumentos teóricos e dos dados apresentados ao longo das secções 2 e 3.

2 A redução do vocalismo átono em português

Na presente secção, faremos uma descrição estrutural sumária do processo da redução do vocalismo átono (RVA) em PEC, pondo em destaque, quando relevante, algumas das suas manifestações linguísticas que permitem relacionar as variedades europeias do português com outras línguas e com outras variedades do próprio português em termos da organização e da caracterização geral do sistema fonológico.

Além do processo de redução átona propriamente dito, referiremos nesta parte do texto dois outros tópicos que com ele se relacionam e que nos conduzem a uma contextualização mais ampla da RVA: o apagamento fonético de vogais átonas e a dicotomia “ritmo silábico/ritmo acentual”.

Breve descrição estrutural da redução do vocalismo átono no português europeu contemporâneo

O processo fonológico regular do PEC habitualmente designado por “*redução átona*” (Velo 2012: 241; 2013), “*redução vocálica*”/“*redução do vocalismo*” (J. M. Barbosa 1994: 164; A. Andrade 2020: 3306), “*redução do vocalismo átono*” (Mateus 1982: 207; Velo 2012: 235; 2013; 2016), “*elevação e centralização/recuo das vogais átonas*” (Mateus 1982: 27, 28 ss.) ou, simplesmente, “*redução*” (Mateus & E. Andrade 2000: 34; Mateus et al. 2003: 1010; Velo 2012; 2013; 2016) encontra-se exemplificado no Quadro 1. Trata-se do processo que dita que, num dado morfema do PEC, as respetivas vogais vejam a sua especificação fonética determinada pela posição tónica ou átona que ocupam dentro da estrutura interna da palavra: em posição tónica, as vogais realizam-se com graus de abertura superiores aos identificados em posição átona.

Exemplos frequentes deste processo são-nos fornecidos pela aplicação de regras de sufixação morfológica, que quase invariavelmente desencadeiam alterações da posição prosódica dos morfemas constitutivos das palavras. Para os efeitos do presente estudo, a reespecificação fonética da última ou única vogal da raiz derivacional em função da alteração da sua posição prosódica constitui um dado particularmente importante: exemplificando cabalmente o processo de RVA de que aqui nos ocupamos, tal vogal, ao “transitar” de uma sílaba tónica para uma átona, recua (para o eixo central, no caso das

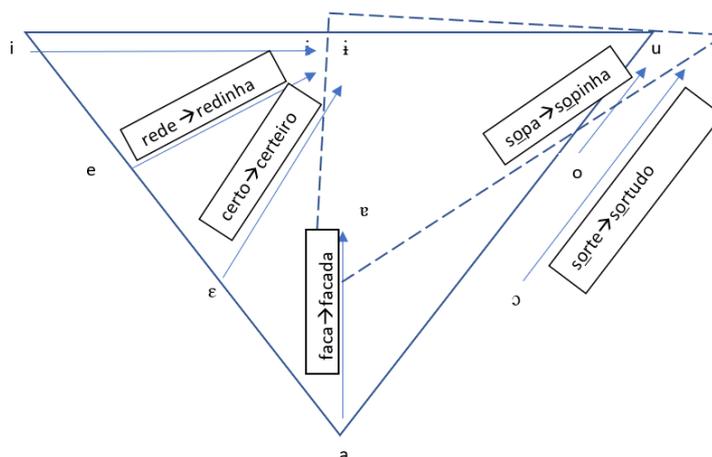
vogais palatais – ex^{os}: *medo* [∇μεδυ] → *medroso* [μ1∇δ4οζυ]; *pedra* [∇πEδ46] → *pedregulho* [π1δ41∇γυΛυ]; para posições ainda mais recuadas, no caso das labiais – ex^{os}: *força* [∇φο4σ6] → *forçado* [φυ4∇σαδυ]; *porta* [∇πO4τ6] → *porteiro* [πυ4∇τ6φ4υ]¹, sofrendo adicionalmente um processo de elevação (vd., além destes mesmos, os exemplos do Quadro 1, bem como a Figura 1).

QUADRO 1. Alternâncias morfofonémicas do português que exemplificam o processo de redução átona em português europeu contemporâneo

	POSIÇÃO TÓNICA	POSIÇÃO ÁTONA
Vogais palatais	[ɛ]: <i>rede</i> [∇≥εδ1]	[i]: <i>redinha</i> [≥1∇δ196]
	[E]: <i>febre</i> [∇φEβ41]	[i]: <i>febril</i> [φ1∇β415]
Vogal central	[α]: <i>faca</i> [∇φακ6]	[6]: <i>facada</i> [φ6∇καδ6]
Vogais labiais	[o]: <i>novο</i> [∇νοωυ]	[υ]: <i>novidade</i> [νυω1∇δαδ1]
	[O]: <i>rosa</i> [∇≥Oζ6]	[υ]: <i>roseira</i> [≥υ∇ζ6φ46]

A “movimentação” das vogais nas alternâncias de posição tónica/posição átona ilustrada no triângulo da Figura 1 mostra que as vogais resultantes do processo de redução átona ocupam um espaço articulatorio mais restrito, isto é, mais *reduzido*. A figura (tal como o Quadro 1) não só põe em evidência a regularidade deste processo, como também nos permite melhor identificá-lo como um caso inserível nos processos de *redução vocálica* atestados, sob formas diversas, em muitas línguas do mundo. Com efeito, a RVA do PEC, nos termos sinteticamente expostos nesta parte da apresentação e exemplificados no material lexical e gramatical reunido nos parágrafos precedentes (vd. especialmente o Quadro 1), apresenta uma característica comum dos processos de redução vocálica que autores como, entre outros, Padgett & Tabain (2005) consideram essencial: a limitação qualitativa das vogais átonas (“*reduzidas*”) a um espaço mais confinado do espaço acústico-articulatorio em função precisamente da sua realização em áreas mais exíguas da própria cavidade oral². Esta característica acaba por determinar a existência de inventários vocálicos qualitativamente diferentes em posição tónica e em posição átona, sendo as vogais átonas também em número reduzido quando comparadas com as tónicas (cf., entre outros, A. Andrade 2020: 3204 ss.).

Figura 1. A redução do vocalismo átono em português europeu contemporâneo como uma redução qualitativa e quantitativa do inventário átono



¹ Como em trabalhos recentes sobre a organização do sistema vocálico do português e o funcionamento dos processos vocálicos da língua (Velo 2012; 2013; 2016; 2019; 2021), adotamos neste texto como enquadramento teórico principal para a descrição das vogais do português o modelo da fonologia dos elementos (Schane 1984; Backley 2011), que concebe todas as vogais como a combinação de elementos de sonoridade/abertura ({A}) e elementos de tonalidade (palatalidade ({I}) e labialidade ({U})).

² “‘Phonetic’ vowel reduction refers to undershoot of vowel targets, due either to coarticulation or a tendency to centralize, or both. It is a gradient, subphonemic process, dependent on (at least) speech rate and register, stress, and segmental context. The result is a shrinkage of the overall vowel space.” (Padgett & Tabain 2005: 14).

Redução vocálica do PEC, vogais centrais e apagamento vocálico nesta língua

Entre as consequências de processos como a RVA do PEC, encontra-se, nas línguas em que eles são atestados, a ocorrência, pelo menos no nível fonético, de vogais centrais não baixas e relativamente pouco especificadas em termos de propriedades fonéticas e fonológicas (entre outras designações, estas vogais são frequentemente referidas como “chevás” – cf., p. ex., Tranel (1987: 86), Catford (1988: 158), Dell (1992: *passim*), Spencer (1996: 29, 63, 227), Barry & Trouvain (2008: 350 ss.) ou Veloso (2010)³).

Neste aspeto em particular, o PEC não constitui exceção, pois o seu inventário vocálico contempla duas vogais com estas características, relacionadas de forma muito motivada com o processo de RVA: [6] e [1]. Estas vogais, praticamente circunscritas à posição não acentuada, correspondem respetivamente, na maior parte das suas realizações fonéticas, à redução de [a] (*casa* [∇κ⁶αζ6] → *casinha* [κ6∇ζι96]; *faca* [∇φ⁶ακ6] → *facada* [φ6∇κ⁶αδ6]) ou de [e]/[E] (*peso* [∇πεζυ] → *pesado* [π1∇ζαδυ]; *medo* [∇μεδυ] → *medroso* [μ1∇δ4οζυ]; *pedra* [∇πεδ46] → *pedrada* [π1∇δ4αδ6]; *certo* [∇∇σE4τυ] → *certeiro* [σ14τ6φ4υ]) (estes exemplos completam os contidos nas primeiras linhas do Quadro 1).

Conforme acima referido, a RVA impõe à fonologia do PEC a coexistência de dois subinventários vocálicos – um tónico *vs.* um átono – e a integração, no sistema vocálico (átono) da língua, das vogais centrais [6] e [1]. Além destas duas consequências da redução átona do PEC, este processo está ainda na origem de um outro processo fonético bastante sistemático: o frequente apagamento (fonético) das vogais átonas. Este fenómeno é ilustrado pelo elevado grau de frequência com que, sobretudo num registo rápido e coloquial⁴, as vogais átonas são completamente elididas das produções fonéticas (Lacerda & Hammarströmm 1952: 131; Lüdtkke 1953: 212; Companys 1954: 105; Strevens 1954; Mateus & Delgado-Martins 1982; A. Andrade 1994: 1; 2020: 3309-3310; Mateus & E. Andrade 2000: 18; Emiliano 2009: 5). Assim, o apagamento fonético das vogais átonas pode ser concebido como um passo subsequente do processo da RVA: depois de sofrerem uma diminuição da sua sonoridade (i. é, perda de abertura e, conseqüentemente, de proeminência fonética), as vogais átonas tornam-se especialmente vulneráveis do ponto de vista articulatorio, a ponto de poderem ser completamente elididas no nível fonético. Este fenómeno encontra-se bem descrito nos estudos fonético-fonológicos do português europeu desde pelo menos os meados do século XX (cf. novamente, p. ex., os já citados estudos de Lacerda & Hammarströmm (1952), Lüdtkke (1953), Companys (1954) ou Strevens (1954)). Aprofundando a compreensão do fenómeno, investigações anteriores têm inclusivamente proposto escalas decrescentes de probabilidade de apagamento (Lacerda & Hammarströmm 1952: 131; Lüdtkke 1953: 212; Companys 1954: 105; Strevens 1954: 15; Mateus & Delgado-Martins 1982: 111 ss.; A. Andrade 1994: 1; Mateus & E. Andrade 2000: 18). De forma resumida, estes autores defendem que o processo se dá sobretudo em sílaba (átona) final, especialmente quando iniciada por consoante sem vozeamento, afetando diferentemente as distintas vogais envolvidas: [1] pode ser apagado praticamente sem qualquer restrição, seguindo-se-lhe [u]; [i] átono (encontrado sobretudo em posição pré-tónica) é, de entre as não acentuadas, a vogal que mais dificilmente se sujeita ao processo de apagamento fonético total, segundo A. Andrade (1994: 1). Transcrições fonéticas como as do Quadro 2 exemplificam este fenómeno.

³ Em Veloso (2010), é feito um enquadramento terminológico e conceptual mais alargado da identidade entre “chevás”, “vogais centrais” e “vogais reduzidas”, termos nem sempre coincidentes entre si, de acordo com a revisão proposta no trabalho citado.

⁴ O apagamento fonético das vogais átonas, com efeito, manifesta-se principalmente em registos de fala pouco formais e afasta-se da forma canónica das palavras que encontramos, p. ex., nas transcrições fonéticas apresentadas por alguns dicionários gerais da língua (cf., p. ex., ACL 2001) ou por obras com indicações de certa forma normativas acerca da “pronúncia padrão” (cf., p. ex., Emiliano 2009).

A este respeito, tenhamos presente a seguinte passagem, extraída da última obra citada:

“Certas características das variedades coloquiais e de débito rápido do português de Lisboa, e que reflectem mudanças fonológicas em curso – como o ensurdecimento e a supressão de certas vogais átonas [...] – *não* estão representadas neste livro.

O tipo de português representado neste livro caracteriza-se, em termos gerais, por ‘silabismo máximo’, *i.e.* preservação no nível fonético da estrutura silábica e do número de sílabas associados à ‘silabificação de base do português europeu’.

Ora, no português coloquial e de débito rápido [...] é normal a supressão de sílabas átonas, por apagamento das vogais átonas [1] e [u]: assim, as palavras ‘telefone’ e ‘possível’ são pronunciadas habitualmente com duas sílabas, respectivamente, [τ5=φOv] e [∇∇π^oσι.ϖE5].” (Emiliano 2009: 5)

Quadro 2. Exemplos de produções fonéticas do PEC com apagamento de vogais átonas

<i>metediço</i>	[mtʋdis ^u ↓]
<i>comandante</i>	[km6~ʋd6~t ^h]
<i>computadorizado</i>	[kõptad ^h riʋzad ^h]
<i>semente</i>	[smɛ~t ^h]
<i>cimentado</i>	[s ^h mɛʋ~tad ^h]

É a este mesmo fenómeno que devemos, justamente, os casos muito frequentes de produções fonéticas de cadeias consonânticas longas e em contravenção com as regras fonotáticas canónicas da língua registadas pelas descrições fonológicas. De acordo com as já anteriormente citadas palavras de Emiliano (2009)⁵, a supressão fonética das vogais átonas – atestada em registos muito coloquiais e ausente das articulações mais “canónicas” – tem como efeito a não preservação (fonética) “da estrutura silábica e do número de sílabas associados à ‘silabificação de base do português europeu’” (Emiliano 2009: 5).

Esta tendência para a “consonantização” será assim, e em princípio, especialmente notória nas variedades europeias da língua, dado que é nestas que a RVA – que está na sua origem – adquire também uma expressão mais importante, conforme já foi referido anteriormente. Serão certamente estas características – a redução vocálica e o subsequente apagamento das vogais átonas – que explicam apreciações impressionistas de ouvintes não nativos do PEC, provavelmente com maior incidência nos seus contactos iniciais com as variedades europeias. Tais ouvintes tendem a descrevê-lo como uma “língua de consoantes” e a contrastá-lo, com base nessa apreciação, com outras línguas românicas e/ou com outras variedades do português, do modo que J. M. Barbosa (1983) capta nas seguintes palavras:

“La première impression que ressent, en arrivant à Lisbonne, l'étranger ayant appris le portugais chez lui est en général de ne rien comprendre à ce que disent les autochtones dans leur conversation. Et cependant cet étranger avait l'habitude de la langue écrite... L'auteur de ces lignes connaît des étrangers qui se consacrent, depuis des années et de façon très sérieuse, à l'étude du portugais; certains parmi eux comprennent parfaitement la langue littéraire et vont jusqu'à la pratiquer à la satisfaction plus que générale [...]. Peu après ses premiers contacts avec la langue couramment parlée, l'étranger, notamment s'il est de langue première française, commence à trouver que **les Portugais «avalent» la plupart de leurs voyelles, voire de leurs syllabes**, et que de ce fait le portugais ne ressemble pas du tout à l'espagnol. **Ils en sont d'autant plus étonnés lorsqu'ils ont eu auparavant l'occasion de s'entretenir avec des Brésiliens de Rio de Janeiro ou de São Paulo, par exemple. Cela leur fait dire à l'occasion qu'il n'y a rien de commun entre le «portugais» et le «brésilien»**, voire que le portugais se présente sous deux formes entièrement distinctes, la forme parlée et la forme écrite.”

(J. M. Barbosa 1983: 11; negritos nossos)

Tendo em conta investigações recentes que mostram que o processamento auditivo das vogais desempenha um papel crucial na perceção e na inteligibilidade dos estímulos fonéticos (Cole et al. 1996; Kewley-Port et al. 2007; Fogerty & Kewley-Port 2009), o “consonantismo fonético” do PEC, nos termos que acabamos de apresentar, poderia porventura introduzir algumas dificuldades no processamento perceptivo das cadeias faladas.

Redução vocálica do PEC e a dicotomia “ritmo silábico”/“ritmo acentual”

Esta diferença entre o PEC e as variedades não europeias da língua no tocante à aplicação da redução átona e do apagamento fonético quase sistemático das vogais átonas remete-nos desde já para um outro aspeto que aqui nos merece um destaque particular: a possível inserção do PEC nas “línguas de ritmo acentual” e a das variedades não europeias do português nas “línguas de ritmo silábico”. Esta dicotomia rítmica, inicialmente proposta por Pike (1945), define as *línguas de ritmo silábico* como aquelas em que, fundamentalmente, as sílabas tónicas e as sílabas átonas recebem tratamento fonético idêntico, não se admitindo, nomeadamente, fenómenos como a redução e o apagamento das vogais átonas nem a coexistência de dois inventários vocálicos distintivos (um tónico e um átono). Em sentido oposto, ainda segundo a mesma proposta, as *línguas de ritmo acentual* corresponderiam àquelas em que,

⁵ Vd. nota 4.

nas produções fonéticas, a vogal tónica é preservada, ao passo que as átonas são reduzidas ou mesmo apagadas. Em estreita relação com esta característica, as línguas de ritmo acentual apresentam inventários vocálicos tónicos e átonos diferenciados, sendo também nestas línguas que os chevás ocorrem com mais frequência.

Com base nas propriedades que, de acordo com esta contraposição sumária, distinguem fundamentalmente as línguas “silábicas” das línguas “acentuais”, autores como Major (1981; 1985), Pamies Bertrán (1999), P. Barbosa (2000) e Frota, Vigário & Martins (2002) têm discutido a possibilidade de se estabelecer uma divisão de fundo entre as variedades europeias do português e as suas variedades extra-europeias.

De facto, confrontando os dados fonético-fonológicos acima referidos com os principais fundamentos desta dicotomia, parece razoável aproximar, de modo global e provisório, as variedades europeias das línguas de ritmo acentual e as variedades não europeias das línguas de ritmo silábico⁶.

Não sendo este um tópico verdadeiramente central deste trabalho – referimo-lo somente para completar a apresentação geral da redução átona do PEC –, não aprofundaremos aqui a discussão das várias questões envolvidas na possível aplicação da dicotomia de Pike (1945) às variedades do português contempladas. Limitamo-nos a sublinhar, neste momento, que esta possível aproximação do PEC às línguas de ritmo acentual se relaciona de perto com as observações anteriores acerca da tendência “consonântica” do português europeu e das suas consequências ao nível da audição e percepção da língua.

3 A produtividade da RVA de um ponto de vista sincrónico

Depois de termos descrito, em termos gerais, as principais regularidades verificadas na natureza e no funcionamento da RVA do PEC, entramos, na presente secção, naquele que é o principal objetivo deste trabalho: reunir alguns dados que nos permitam avaliar, ainda que preliminarmente, a produtividade deste processo no estágio atual do PE.

A motivação para nos ocuparmos desta questão em particular radica numa nossa intuição, de carácter eminentemente impressionista, resultante da verificação sumária de alguns dados do PEC que adiante apresentaremos. Nesses dados, como veremos, pareceu-nos possível identificar indícios de que, em palavras de formação ou integração recente no léxico do português, as regras de redução átona parecem estar a apresentar algum declínio de produtividade.

O tema, a que aludimos de passagem num trabalho anterior (Veloso 2016: 655-656), é igualmente notado num estudo de Marquilhas (2003), que regista a oscilação entre formas com e sem RVA em nomes próprios e comuns recentes, em neologismos técnicos e em marcas comerciais com circulação igualmente recente na língua:

“[...] [relativamente às formas sem redução átona,] há que contar ainda com a variação ao nível do vocabulário não tradicional, porque em empréstimos tanto poderemos ter v[6]cina como v[α]cina [...], em compostos com radicais neoclássicos há pr[O]tagonista e pr[v]tagonista, int[E]rpolação e int[l]rpolação, em nomes próprios formados por acronímia há S[O]n[6]sol e S[v]n[α]sol, os nomes de baptismo das últimas décadas incluem V[α]nessa e V[6]nessa, C[α]rina e C[6]rina, nos derivados de formação recente, tanto se conta dr[O]gado como dr[v]gado...”

(Marquilhas 2003: 9)

Para clarificarmos melhor a verdadeira questão linguística que aqui nos ocupa, começamos por reunir, no Quadro 3, um conjunto de palavras formadas pelo processo habitualmente designado por “composição morfológica”⁷: quase todas estas palavras integram, na sua margem esquerda, um formativo etimológico “clássico” (“erudito”) – *tele-*, *mono-*, *foto-* – combinado, à direita, com material linguístico diverso. O que pretendemos demonstrar, nestes exemplos, é que o formativo à esquerda,

⁶ No entanto, convém ter presente que, de acordo com propostas como as de P. Barbosa (2000) e Frota, Vigário & Martins (2002), a diferença ritmo silábico/ritmo acentual pode corresponder mais a uma oposição de tipo gradual do que a uma dicotomia estritamente categórica. De acordo com os autores citados, haveria nas variedades europeias e brasileiras do português marcas de um tipo e de outro, o que permite considerar o português (europeu e extra-europeu) uma língua de ritmo “misto”. Frota, Vigário & Martins (2002) admitem ainda que esta dicotomia afete diferentemente as variedades setentrionais e as variedades centro-meridionais do PEC.

⁷ Em Veloso & Martins (2011), refutámos a aceitação deste processo como um processo gramatical isolável e identificável a partir unicamente de argumentos linguisticamente motivados; servimo-nos aqui do termo “composto/composição morfológica” por mera conveniência expositiva.

supostamente integrado em posição átona, sofre RVA em palavras dicionarizadas até, sensivelmente, a primeira metade do século XX, não sendo objeto de aplicação deste processo perante palavras dicionarizadas nas décadas mais recentes⁸. Emparelhamos, em cada linha do quadro, palavras que partilham o mesmo constituinte etimológico na margem esquerda do alinhamento morfológico, sendo uma de inserção lexical anterior a meados do século XX (exemplos na coluna 3.a), *com aplicação do processo de redução átona*, e outra de inserção lexical mais recente (exemplos na coluna 3.b), *sem aplicação do processo de redução átona*. Assumindo que todas estas palavras comportam apenas um acento principal, circunscrito à Janela das Três Sílabas da margem direita da palavra (onde cabem sobretudo os morfemas flexionais), assumiremos também que o constituinte morfológico “erudito” da margem esquerda é prosodicamente átono (o que é passível de alguma discussão, conforme veremos na secção final deste texto).

QUADRO 3. “Compostos morfológicos” do PEC emparelhados: formativos átonos em palavras menos recentes (com RVA) e em palavras mais recentes (sem RVA)

Constituinte etimológico ‘átono’ (margem esquerda da palavra)	3.a Em palavras introduzidas no PEC até meados do século XX - COM RVA	3.b Em palavras introduzidas no PEC desde meados do século XX - SEM RVA
<i>tele-</i>	<i>telefone</i> [τ1λ1∇φ0ν1] <i>telefonía</i> [τ1λ1φ0∇ν16] <i>telegrafia</i> [τ1λ1γ46∇φ16] <i>televisão</i> [τ1λ1π1∇ζ6~ω~] <i>telepatia</i> [τ1λ1π6∇τ16] <i>telegrama</i> [τ1λ1∇γ46μ6] <i>telescópio</i> [τ1λ1Σ∇κ0πφν] <i>teleférico</i> [τ1λ1∇φE4ικν]	<i>teletransporte</i> [τEλEτ46~Σ∇π04τ1] <i>teletrabalho</i> [τEλEτ46∇βαλν] <i>teleescola</i> [τEλEΣ∇κ0λ6] <i>telemóvel</i> [τEλE∇μ0πE5]
<i>mono-</i>	<i>monografia</i> [μυννγ46∇φ16] <i>monóculo</i> [μν∇ν0κνλν] <i>monotonia</i> [μυνντυ∇ν16]	<i>mononuclear</i> [μ0ν0νκλιν4] <i>mononucleose</i> [μ0ν0νκλιν0ζ1] <i>monofásico</i> [μ0ν0∇φαιζικν] <i>monoguíni</i> [μ0ν0∇κιν1] <i>monovolume</i> [μ0ν0π0∇λνμ1]
<i>foto-</i>	<i>fotografia</i> [φ0τυγ46∇φ16]	<i>fotogénico</i> [φ0τ0∇ZEνικν] <i>fotacópia</i> [φ0τ0∇κ0πφ6] <i>fotograma</i> [φ0τ0∇γ46μ6] <i>fototerapia</i> [φ0τ0τ146∇π16] <i>fotossíntese</i> [φ0τ0∇σι~τ1ζ1]

Obs.: De acordo com a explicação contida no texto, assume-se que os formativos da primeira coluna aparecem em posição átona em todas as palavras em que são recombinados ((3.a) e (3.b)).

A estes casos, poderíamos ainda adicionar exemplos de: (i) pares que partilham o mesmo constituinte etimológico na margem esquerda da palavra mas resultantes de processos formativos distintos (derivação afixal vs. composição morfológica, p. ex.); (ii) neologismos que combinam raízes neológicas em posição átona com sufixos derivacionais históricos em posição tónica. Exemplos deste tipo de palavras são dados no Quadro 4, no qual encontramos casos, uma vez mais, de constituintes que parecem sofrer ou não a aplicação do processo de RVA de modo porventura relacionado com a datação da sua entrada na língua: constituintes átonos integrados no léxico do português até à década de 1950, aproximadamente, tendem a ser objeto de aplicação da redução átona; a formativos idênticos mais recentes, as regras da RVA não parecem aplicar-se.

⁸ Como já afirmámos, este estudo reúne considerações que se encontram ainda numa fase preliminar de análise, sendo nossa intenção dar continuidade a esta mesma investigação, de modo mais aprofundado, em trabalhos futuros. Devido a este carácter exploratório do estudo aqui apresentado, não foi feita uma verificação exaustiva e sistemática da datação da entrada destas palavras no léxico do português. Do mesmo modo, as transcrições fonéticas dos exemplos dados nesta parte do trabalho são baseadas nas intuições do autor enquanto falante nativo do PEC com formação especializada em fonética e em fonologia, não tendo sido ainda confrontadas com procedimentos de confirmação mais robustos.

QUADRO 4. Formativos etimológicos/morfológicos e formas neológicas em PEC: formas menos recentes com RVA vs. formas mais recentes sem RVA (diversos processos formativos considerados)

FORMATIVO	PALAVRAS MENOS RECENTES - COM RVA	PALAVRAS MAIS RECENTES - SEM RVA
<i>ferr-</i>	<i>ferrugem</i> [ϕ1∇≥υZ6~φ~] (sufixação) <i>ferroso</i> [ϕ1∇≥oζυ] (sufixação)	<i>ferr^ocarril</i> [ϕE≥Ok6∇≥ι5] (composição morfológica)
<i>bl^oc-</i>		<i>bl^oquinho</i> [βλO∇κιθυ] (neologia/sufixação) <i>bl^oquista</i> [βλO∇κιΣτ6] (neologia/sufixação)
<i>bl^og-</i>		<i>bl^ogueiro</i> [βλO∇γ6φ4υ] (neologia/sufixação) <i>bl^ogosfera</i> [βλOγOΣ∇ϕE46] (neologia/composição morfológica)
<i>jj^od-</i>		<i>jj^odista</i> [Zια∇διΣτ6] (neologia/sufixação) (cf. <i>f^ogd-</i> → <i>f^odista</i> [ϕ6∇διΣτ6]) (sem neologia, com RVA)

Uma primeira reflexão sobre estes dados – que padecem de algumas limitações que discutiremos na secção final do artigo – e sobre a comparação entre formas menos e mais recentes na língua conduziunos, como foi referido, ao tema nuclear deste estudo, tendo-nos levado à formulação da seguinte questão de investigação: será possível aceitar que a redução vocálica corresponda, no atual momento da história da língua portuguesa, a um processo “fossilizado”, isto é, a um processo hoje desativado e já não tão operativo na fonologia da língua, explicando-se assim que, aparentemente, as palavras mais recentes do PEC não sofram de forma inteiramente sistemática as regras de redução átona?

Para reunirmos informação suplementar que nos permitisse avaliar melhor esta mesma questão, orientámos um pequeno estudo empírico, de carácter igualmente exploratório (Gomes 2021), em que se procurou verificar se o conhecimento fonológico dos falantes já incorpora ou não, de certa maneira, esta possível mudança em curso na fonologia do PEC.

Esse estudo, cujas tarefas experimentais foram integralmente realizadas por Catarina Carvalho Gomes⁹, será apresentado na subsecção seguinte do texto.

3.1 Estudo empírico exploratório: a produtividade da redução átona no conhecimento fonológico de falantes nativos do PEC (Gomes 2021)

Apresentação e objetivos principais do estudo

Partindo dos indícios expostos na primeira parte desta mesma secção, foi nosso objetivo verificar se os falantes nativos do PEC já têm, ou não, incorporada no seu conhecimento fonológico alguma informação que, refletindo eventualmente a hipotética desativação do processo de RVA na fonologia do português europeu no estágio contemporâneo da língua, os leve a processar diferentemente cadeias fonéticas supostamente correspondentes a “palavras antigas” e a “palavras recentes” da língua, aplicando a redução átona às primeiras e não a aplicando nas segundas.

Para tanto, um grupo de sujeitos falantes nativos do PEC foi sujeito a uma tarefa experimental de oralização de cadeias fonéticas correspondentes a pseudopalavras, separadas por dois grupos distintos e apresentadas como as representações gráficas de palavras pertencentes a diferentes fases históricas da língua.

As indicações e os resultados desta tarefa são apresentados detalhadamente em Gomes (2021), trabalho em que nos baseamos, conforme já foi referido, para esta parte do presente texto.

Questões de partida e principal motivação do estudo empírico

As questões de partida do estudo empírico aqui recuperado são as que foram já acima apresentadas: perante a verificação de que, em palavras de entrada relativamente recente no léxico do

⁹ A maior parte do planeamento desse trabalho e a recolha dos dados do estudo empírico, bem como a sua primeira análise, foram realizadas, sob supervisão do autor do texto, por Catarina Carvalho Gomes, estudante da licenciatura em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do seu Projeto de Licenciatura desenvolvido no ano letivo de 2020/2021. O referido trabalho de projeto deu origem ao respetivo relatório (Gomes 2021), que será a fonte de todos os dados qualitativos e quantitativos mencionados nesta parte do artigo.

português, a aplicação das regras de RVA parece menos produtiva do que em palavras mais antigas, pretendemos ver se os falantes da língua, quando lhes é solicitado que articulem cadeias fonéticas candidatas ao estatuto de palavras do português, já interiorizaram (ou não) no seu conhecimento fonológico a informação que limita este processo ao léxico menos recente. A comparação da realização de morfemas e palavras como as reunidas nos Quadros 3 e 4, sugerindo uma aplicação mais sistemática das regras de redução átona nas palavras integradas no português até meados do século XX e a sua aparente desativação a partir dessa barreira temporal genérica, constitui a principal motivação para esta pesquisa.

Metodologia (Gomes 2021)

Sujeitos (Gomes 2021: 5)

Foram selecionados para participarem no estudo 14 falantes nativos monolíngues do português europeu, equitativamente distribuídos por sexo: 7 são falantes do sexo masculino, 7 são do sexo feminino. Todos os sujeitos são oriundos da cidade de Braga e concelhos limítrofes, onde viveram a maior parte das suas vidas. A média etária dos informantes é de 23 anos (idade do informante mais jovem=16 anos; idade do informante mais velho=27 anos). Todos os participantes concluíram pelo menos o ensino secundário completo, ou, nos casos em que têm idade inferior a 18 anos, estão a frequentá-lo ainda. Nenhum dos sujeitos tem formação explícita especial nas áreas da fonética, da fonologia, da linguística, da comunicação ou do uso performativo da voz e da fala. Tentou-se assim obter uma amostra relativamente homogénea do ponto de vista dialetal e escolar, considerada minimamente representativa dos estratos mais jovens dos falantes do PEC e com uma relação “espontânea” com as estruturas da língua (i. é, com uma relação não condicionada por formações escolares ou por práticas profissionais que pudessem desencadear algum efeito de atenção explícita aos processos fonético-fonológicos da língua).

Material linguístico (Gomes 2021: 5)

O material linguístico utilizado para o estudo empírico incluiu três listas de pseudopalavras apresentadas aos participantes em ortografia corrente (n=35). Através do recurso a pseudopalavras, pretendeu-se ativar única e exclusivamente o conhecimento fonológico dos sujeitos no processamento de cadeias fonéticas apresentadas como candidatas a palavras da língua (a nível, p. ex., da aplicação das regras de conversão grafema-fonema e, sobretudo, das regras de redução átona).

As três listas de pseudopalavras utilizadas são as que a seguir se apresentam. Todos os estímulos têm 3 ou 4 sílabas e foram construídos por forma a potencialmente conterem realizações átonas pré-tónicas de /A/, /E/ e /O/ (cuja abertura fonética constitui, justamente, o objeto central da observação)¹⁰:

- a primeira lista (“Lista A”) contém 19 pseudopalavras apresentadas aos participantes como *arcaísmos e topónimos antigos do português*;
- a segunda lista (“Lista B”) contém 9 pseudopalavras apresentadas aos participantes como *nomes de medicamentos*;
- a terceira lista (“Lista C”) contém 7 pseudopalavras apresentadas aos participantes como *marcas comerciais e nomes de empresas*.

As formas constantes do Quadro 5 reproduzem as formas escritas apresentadas aos sujeitos na fase da recolha de dados.

¹⁰ O material linguístico inicialmente previsto continha um total de 48 pseudopalavras: 24 “pseudoarcaísmos”, 12 “nomes de medicamentos” e 12 “marcas comerciais”. Esse total foi, por razões de facilitação de recolha, posteriormente reduzido para um número inferior. Mais tarde, já na análise de resultados, verificou-se que a própria colocação da sílaba tónica por parte dos informantes num conjunto específico de 13 pseudopalavras apresentou variações num elevado número de casos, tendo tornado impossível a verificação da questão em análise numa quantidade considerável de respostas (Gomes 2021: 13-14). Esta dificuldade levou a que tais pseudopalavras não tenham sido consideradas na análise de resultados, não sendo, por isso, contempladas no Quadro 5 nem, conseqüentemente, no presente estudo (tal como sucede também na análise de resultados de Gomes 2021).

Quadro 5. Estímulos utilizados no estudo empírico (Gomes 2021: 5, 7-8)

LISTA A ("ARCAÍSMOS E TOPÓNIMOS ANTIGOS DO PORTUGUÊS")	LISTA B ("NOMES DE MEDICAMENTOS")	LISTA C ("MARCAS COMERCIAIS E NOMES DE EMPRESAS")
<i>astino</i> <i>lanuro</i> <i>tabundo</i> <i>tafuno</i> <i>chatrola</i> <i>nacrote</i> <i>bragueta</i> <i>capiço</i> <i>galocela</i> <i>crasiasta</i> <i>rondanil</i> <i>lemissor</i> <i>creadene</i> <i>zobidela</i> <i>nolenco</i> <i>cistorino</i> <i>nonero</i> <i>liogano</i> <i>roquena</i>	<i>matisin</i> <i>padicom</i> <i>anamix</i> <i>arcofex</i> <i>melofina</i> <i>microfac</i> <i>plifonig</i> <i>aceclofir</i> <i>fexima</i>	<i>maluflex</i> <i>cladapect</i> <i>platidona</i> <i>civotex</i> <i>vinofela</i> <i>simplofesa</i> <i>pecicalto</i>

OBS.: Na apresentação dos estímulos deste quadro, é sublinhada a representação gráfica das vogais orais que se assumem como átonas pré-tónicas (com base nas regras gerais de acentuação nominal do português). Nas formas disponibilizadas aos sujeitos, os estímulos foram apresentados em tipo redondo, em minúsculas e sem qualquer sinalização (diacrítica ou outra) de qualquer tipo de proeminência (p. ex.: astino – matisin – maluflex).

Procedimento (Gomes 2021: 5)

Os estímulos de cada uma das listas constantes do Quadro 5 foram apresentados por escrito em folhas impressas de formato A4, tendo-se pedido que tais formas fossem lidas pausadamente e de acordo com a “pronúncia” que parecesse mais “adequada” a cada participante. As pseudopalavras foram apresentadas em linhas separadas (uma por cada linha), em minúsculas e sem qualquer sinalização gráfica da proeminência silábica ou da abertura vocálica. Cada uma das listas do Quadro 5 deu origem a uma sessão de leitura separada. No momento da apresentação dos estímulos de cada lista, cada informante recebeu informação dizendo que as “palavras” que lhe iriam ser dadas a conhecer eram palavras eventualmente desconhecidas, sendo-lhes explicitamente dito, no início de cada sessão de leitura, que as palavras da Lista A correspondiam a formas arcaicas da língua, muitas delas conservadas como topónimos mais antigos, que as da Lista B correspondiam a nomes de medicamentos “modernos” e que as da Lista C eram marcas comerciais e nomes de empresas “pouco conhecidas”. Cada sessão de leitura decorreu de forma individual, sendo as respostas de cada sujeito gravadas em computador e posteriormente sujeitas a transcrição fonética por parte da experimentadora (Catarina Gomes).

Resultados (Gomes 2021: 6 ss.)

Os resultados obtidos perante cada uma das listas são os que resumimos nos Quadros 6 e 7. Nesta apresentação, e seguindo de perto a apresentação de dados de Gomes (2021: 6 ss.), é registada informação sobre o grau de abertura das vogais que, na construção do material linguístico, foram assumidas como átonas pré-tónicas (vd. legenda do Quadro 5). Mais concretamente, para o total de palavras de cada uma das listas, tentou-se verificar se tais vogais – potencialmente candidatas à redução átona – são ou não sujeitas a processos de fechamento, elevação e/ou centralização/recuo. Para o efeito, foi então analisada a realização fonética de /A/, /E/ e /O/ em posição átona pré-tónica nas palavras aqui consideradas (mais concretamente, nas sílabas sublinhadas no Quadro 5). Seguindo a metodologia de Gomes (2021), os resultados são de seguida apresentados comparando, de um lado, as formas fonéticas obtidas perante as pseudopalavras apresentadas como “arcaísmos/topónimos antigos” (“Lista A” do Quadro 5) e, por outro lado, as formas “neológicas”, obtidas conjuntamente com as palavras apresentadas como “nomes de medicamentos modernos” e como “marcas comerciais” (Listas B e C do

Quadro 5, aqui agregadas precisamente como representantes de (pseudo)neologia em português). Considerámos, na análise das respostas, vogais **com** redução átona todas as realizações de /A/ como [6], de /E/ como [1] e de /O/ como [u] (ex^{os}.: *galocele*=[γ6λυ∇σEλ1], *lemissor*=[λ1μi∇σo4]). Nos casos em que tais vogais foram oralizadas pelos sujeitos como abertas ou semiabertas (ex^{os}.: *galocele*=[γαλO∇σEλ1], *lemissor*=[λEμi∇σo4]), as respostas foram consideradas como casos de **não RVA**. As percentagens relativas a estes dois tipos de resposta são as que apresentamos nos Quadros 6 e 7.

QUADRO 6. Ativação/inibição das regras de RVA na lista de 19 pseudopalavras apresentadas como “**arcaísmos**” do português (“Lista A”)

Número de sílabas átonas pré-tónicas potencialmente objeto de aplicação das regras de RVA	% DE REALIZAÇÕES COM RVA (no total de todos os falantes)	% DE REALIZAÇÕES SEM RVA (no total de todos os falantes)
21	93%	7%

QUADRO 7. Ativação/inibição das regras de RVA no somatório das listas “neológicas” de 16 pseudopalavras apresentadas como “**nomes de medicamentos**” (“Lista B”) e como “**marcas comerciais/nomes de empresas**” (“Lista C”)

Número de sílabas átonas pré-tónicas potencialmente objeto de aplicação das regras de RVA	% DE REALIZAÇÕES COM RVA (no total de todos os falantes)	% DE REALIZAÇÕES SEM RVA (no total de todos os falantes)
22	42%	58%

O gráfico da Figura 2, recuperando os dados dos Quadros 6 e 7, permite-nos visualizar melhor a diferença entre a frequência de ativação da RVA em estímulos apresentados como “antigos” e em estímulos apresentados como “neológicos”.

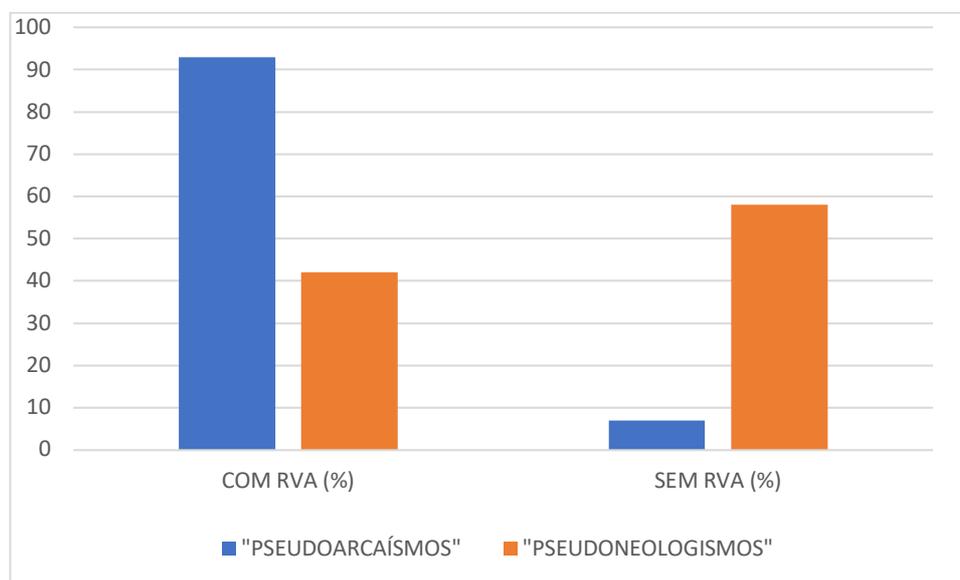


Figura 2. Aplicação e inibição de RVA em pseudopalavras processadas como palavras não recentes (arcaísmos/topónimos antigos) e em palavras processadas como neologismos (nomes de medicamentos e marcas comerciais recentes) por falantes nativos do português escolarizados em tarefa de leitura (14 sujeitos, média etária=23 anos, dialetos setentrionais (Braga))

4 Discussão dos resultados do estudo empírico e considerações finais

Reservamos esta última secção do estudo para tecermos algumas considerações finais acerca das questões centrais identificadas na introdução, procurando consolidar uma avaliação preliminar dos

argumentos reunidos ao longo do texto que eventualmente permitam identificar, no estágio atual do português, uma tendência de desativação das regras de redução átona na fonologia do PEC.

Os indícios que estiveram originalmente na motivação da principal questão de partida do estudo são, essencialmente, os dados linguísticos referidos na primeira parte da secção 3 e consistem, resumidamente, na comparação de palavras menos recentes, com aplicação de RVA, com palavras de dicionarização recente, em que a RVA parece apresentar algum declínio de produtividade. Este efeito parece tornar-se mais patente quando comparamos o mesmo étimo ou o mesmo morfema inserido em palavras diferentes, sofrendo redução em palavras anteriores a meados do século XX e não sofrendo o processo em palavras posteriores a essa datação. Os exemplos são os que podem ser encontrados, acima, nos Quadros 3 e 4.

Trata-se de dados que padecem com certeza de algumas limitações, algumas brevemente referidas aquando da sua apresentação e que, nesta discussão, queremos reconhecer de forma mais organizada e mais explícita:

- a sua quantidade é relativamente escassa;
- as formas fonéticas apresentadas baseiam-se quase exclusivamente na introspeção linguística do autor, não tendo sido sistematicamente verificadas e não tendo sido contempladas, nomeadamente, nem variantes que estejam em distribuição livre com as formas exemplificadas, nem a influência de condicionantes de ordem dialetal ou socioletal;
- a datação da entrada das formas exemplificadas não foi criteriosamente verificada, de forma exaustiva, para todos os casos apresentados (e por isso também não é aqui explicitamente indicada de forma mais sistematizada);
- não foi despistada uma eventual interferência, na ativação/inibição da RVA, de variáveis morfológicas (como, p. ex., a possível interferência de processos formativos distintos, como a “composição morfológica” ou a sufixação derivacional), rítmicas e prosódicas; no que diz respeito a estas últimas possíveis condicionantes do fenómeno em análise, reconhecemos que todos os formativos da margem esquerda da palavra foram assumidos, de forma porventura extremamente simplificada, como átonos em todos os casos, sem ter sido equacionada a hipótese de, em alguns deles (nos “compostos morfológicos”, p. ex.), esses formativos serem detentores de algum tipo de proeminência acentual e/ou de terem sofrido, em casos como *telemóvel* ou *fotogénico*, p. ex., processos de harmonização vocálica do traço de altura a partir da vogal tónica da palavra morfossintática em que se inserem.

Estas limitações são aqui reconhecidas e contamos examiná-las de forma mais atenta em desenvolvimentos ulteriores deste estudo. Conforme foi afirmado em vários momentos da exposição, estas notas têm uma natureza meramente exploratória. Não obstante, reforçamos que os indícios contidos nestes mesmos dados sugerem, pelo menos, um eventual declínio, no atual estágio do PEC, da produtividade da RVA como processo fonológico regular. Mesmo tendo presentes as limitações acima explicitadas, o que uma primeira comparação geral das palavras menos recentes com as mais recentes reunidas nos Quadros 3 e 4 nos mostra é que a RVA aparenta aplicar-se de forma mais sistemática nas palavras menos recentes e parece de certa forma inibida nas palavras mais recentes da língua, consolidando algumas observações acerca desta mesma possibilidade contidas em trabalhos anteriores (como Marquilhas (2003) e Veloso (2016)).

Efetivamente, neste âmbito, o dado que nos parece mais importante salientar neste momento é o seguinte: uma observação minimamente atenta de material lexical e fonológico do PEC mostra que um dado formativo, conforme parece demonstrado nos exemplos de *tele-*, *mono-* e *foto-* do Quadro 3, se comporta diferenciadamente, no tocante às regras da RVA, em momentos distintos da história da língua. Quando inseridos em palavras de dicionarização mais antiga, estes constituintes de palavra sofrem redução átona; em contraste com essa regularidade, ao serem inseridos em palavras de dicionarização mais recente, os mesmos morfemas/étimos parecem ficar imunes à RVA (vd. novamente o Quadro 3 para ilustração destas afirmações).

Complementando estas observações, os dados sintetizados nos Quadros 6 e 7 e na Figura 2 (aos quais reconhecemos também limitações que exporemos de seguida) fornecem-nos indícios minimamente consistentes de que os próprios falantes do PEC já terão de alguma forma interiorizada informação fonológica que integra essa mudança. Com efeito, parece-nos lícito admitir que, na

gramática fonológica dos falantes mais jovens do PEC, a RVA é interiorizada como um processo de aplicação não categórica perante novos estímulos candidatos ao estatuto de palavra na língua. Este aspeto parece evidenciado, no âmbito deste estudo, pelos dados empíricos apresentados na secção 3.1, a partir do estudo de Gomes (2021) sobre o processamento e produção de cadeias fonéticas do português. Relativamente a esse estudo, admitimos aqui, também, algumas limitações do material linguístico utilizado: nos estímulos apresentados aos falantes como neológicos, a sua conformidade com as principais regras fonotáticas da língua não terá sido suficientemente controlada. Estímulos como *microfac* ou *plifonig*, constantes da Lista B do Quadro 5 (“nomes de medicamentos”), apresentam algumas violações de regras fonotáticas importantes do português, como, p. ex., a ocorrência de oclusivas em final de sílaba/final de palavra. Embora se trate de um recurso frequente nas designações comerciais de medicamentos correntes na comunidade de falantes do PEC, será certamente desencadeador de mecanismos de oralização bastante particulares que não terão em consideração exclusivamente o conhecimento fonológico implícito. Trata-se também, por essa razão, de um aspeto a retificar em futuros desenvolvimentos deste trabalho. Todavia, nos estímulos apresentados aos participantes como neológicos tais casos não correspondem à maioria das pseudopalavras do teste, não tendo sido detetados indícios de tratamento fonológico diferente, nas produções dos informantes, entre estas pseudopalavras e outras pseudopalavras sem violações fonotáticas deste tipo (como, p. ex., *aceclofir*, *fexima*, *platidona*, *vinofela* ou *simplofesa*). Aquilo que, na verdade, se torna visível no conjunto de todas as produções fonéticas induzidas por estes estímulos na sua globalidade é a aplicação de uma estratégia relativamente clara quando estas produções são comparadas às dos estímulos apresentados como menos recentes. Como se torna particularmente evidente ao olharmos para os dados dos Quadros 6 e 7 e para a Figura 2, nos pseudoarcaísmos a RVA é aplicada em 93% dos casos, percentagem que decai para menos de metade (=42%) quando são consideradas as respostas obtidas em pseudoneologismos. Confrontando os tipos de resposta dos sujeitos (com RVA vs. sem RVA) dentro de cada tipo de estímulos (pseudoarcaísmos vs. pseudoneologismos), verifica-se que, nos primeiros estímulos (pseudoarcaísmos), a RVA atinge valores perto dos 100% (93% de realizações com RVA vs. 7% de realizações sem RVA), ao passo que, nos segundos (pseudoneologismos), os falantes optam por uma tendência menos clara (ainda que com uma ligeira maioria das produções sem RVA, ao contrário do que claramente sucede com os pseudoarcaísmos): 42% de realizações com RVA e 58% de realizações sem RVA. Quanto a nós, estes dados são da maior importância, pois permitem indiciar, ainda que provisoriamente, que, nas intuições fonológicas dos falantes que estruturam o conhecimento fonológico e governam a aplicação/inibição dos processos fonológicos da língua, a RVA estará, muito provavelmente, a regredir quanto ao estatuto de processo fonológico produtivo: os falantes do PEC já intuirão que a RVA é um processo circunscrito a fases pretéritas da língua, ativando-o em quase 100% dos estímulos apresentados como pseudoarcaísmos e hesitando, nos pseudoneologismos, entre a sua ativação (42%) ou a sua desativação (58%).

Combinando estes dados quantitativos com os dados anteriores de natureza eminentemente observacional extraídos da comparação entre formas fonéticas menos e mais recentes do PEC, consideramos ser possível reforçar a nossa proposta de que **a RVA do PEC corresponderá porventura, no estágio atual da língua, a um processo em declínio na fonologia do português**. Com efeito, inclinamo-nos mesmo para a possibilidade de este ser um processo que estará a aproximar-se da fase de desativação definitiva na fonologia do PEC.

A par de uma reverificação mais robusta desta observação – que é, no presente trabalho, a principal conclusão que temos a oferecer –, tornar-se-á pertinente investigar as causas que terão conduzido a este aparente declínio do processo. Esta questão nunca fez parte do conjunto de interrogações e objetivos nucleares do trabalho, pelo que não nos detivemos sobre ela mais demoradamente. A título meramente especulativo de que deixamos o presente registo para investigações futuras, podemos identificar, à partida, algumas possíveis explicações para este fenómeno: a par da natural ativação/desativação histórica de regras e processos fonológicos que estão na natureza e na origem precisamente de toda e qualquer mudança diacrónica, um dado a que aludimos de forma não aprofundada neste texto pode oferecer também alguma explicação para esta constatação. Referimo-nos a algumas dificuldades de processamento fonético que as línguas de ritmo acentual podem apresentar. Conforme sublinhado por Cole et al. (1996), Kewley-Port et al. (2007) e Fogerty & Kewley-Port (2009) (vd. as nossas observações a este respeito na secção 2 do texto), as vogais, enquanto picos de

proeminência acústico-percetiva, desempenham um papel fundamental no processamento dos estímulos fonéticos. A sua redução e o seu apagamento sistemáticos, como sucede frequentemente no PEC e noutras línguas com características mais prototípicas das línguas de ritmo acentual, poderiam assim, teoricamente, contribuir para um aumento do grau de dificuldade do processamento perceptivo em línguas com forte redução átona. A não aplicação da redução átona no léxico mais recente da língua poderia ser lida como uma resposta “defensiva” da própria língua e dos seus falantes, a fim de se salvaguardar a sua compreensibilidade. Evidentemente, esta observação tem, neste contexto, um carácter meramente conjectural e não foi sujeita, em momento algum, a qualquer investigação, teórica e/ou experimental, especificamente desenhada para a sua verificação. Deixamo-la, tal como outras observações formuladas nestas notas finais, como pista para eventual pesquisa futura.

O que nos parece minimamente seguro concluir, uma vez mais e com base nos dados de que dispomos e na análise que deles fizemos, é que os indícios do declínio da RVA em PEC parecem ser suficientes para termos de reavaliar a sua importância para a caracterização fonológica geral da língua. Atendendo ao contexto específico em que este texto é apresentado (um colóquio internacional sobre relações de proximidade e distância entre as variedades pluricontinentais do português e as respetivas comunidades de falantes), este dado adquire uma relevância particular: sendo justamente a RVA do PEC apresentada como o traço mais idiossincrático da fonética e da fonologia do português de Portugal, se se confirmar que tal processo estará em fase de desaparecimento (ou de mitigação) no PEC, tal poderia ser interpretado como um indício de uma possível reaproximação fonético-fonológica, pelo menos quanto a aspetos fundamentais do funcionamento do sistema vocálico, entre as diversas variedades nacionais do português.

PRINCIPAIS ABREVIATURAS USADAS NO TEXTO

PEC = Português Europeu Contemporâneo

RVA = Redução do Vocalismo Átono

Referências

- ACL. 2001. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo. 2 vols.
- Andrade, A. 1994. Estudo Acústico de Sequências de Oclusivas em Português Europeu. Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL/Colibri, 1-15.
- Andrade, A. 2020. Vocalismo. In: E. P. Raposo et al. (Orgs.). Gramática do Português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, III, 3239-3330.
- Backley, P. 2011. An Introduction to Element Theory. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Barbosa, J. M. 1983. Etudes de Phonologie Portugaise. 2^{ème} éd. Évora: Universidade de Évora.
- Barbosa, J. M. 1994. Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português. Coimbra: Almedina.
- Barbosa, P. 2000. “Syllable-Timing in Brazilian Portuguese”: Uma crítica a Roy Major. DELTA. 16(2): 369-402.
- Barry, W. J.; Trouvain, J. 2008. Do we need a symbol for a central open vowel?. Journal of the International Phonetic Association. 38(3): 349-357.
- Catford, J. C. 1988. A Practical Introduction to Phonetics. Oxford: Clarendon.
- Cole, R. A.; Yan, Y. H.; Mak, B.; Fanty, M.; Bailey, T. 1996. The contribution of consonants versus vowels to word recognition in fluent speech. Proceedings of the ICASSP'96, 853-856.
- Companys, M. 1954. Notes sur les finales atones portugaises après consonne sourde. Revista do Laboratório de Fonética Experimental. II: 105-127.
- Dell, F. 1992. Les règles et les sons. Introduction à la phonologie générative. 2^{ème} éd. Paris: Hermann.
- Emiliano, A. 2009. Fonética do Português Europeu: Descrição e Transcrição. Lisboa: Guimarães.
- Fogerty, D.; Kewley-Port, D. 2009. Perceptual contributions of the consonant-vowel boundary to sentence intelligibility. Journal of the Acoustical Society of America. 126: 847-857.
- Frota, S.; Vigário, M.; Martins, F. 2002. Discriminação entre línguas: evidência para classes rítmicas. Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL/Colibri, 189-199.

- Gomes, C. C. 2021. A redução das vogais átonas em pseudopalavras antigas e recentes por falantes nativos do português europeu contemporâneo. Trabalho de Licenciatura (Ciências da Linguagem). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Kewley-Port, D.; Burkle, T. Z.; Lee, J. H. 2007. Contribution of consonant versus vowel information to sentence intelligibility for young normal-hearing and elderly hearing-impaired listeners. *Journal of the Acoustical Society of America*. 122: 2365–2375.
- Lacerda, A.; Hammarströmm, G. 1952. Transcrição fonética do Português normal. *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*. I: 119-135.
- Lüdtke, H. 1953. Fonemática Portuguesa. II – Vocalismo. *Boletim de Filologia*. XIV(3-4): 197-217.
- Major, R. C. 1981. Stress-timing in Brazilian Portuguese. *Journal of Phonetics*. 9: 343-351.
- Major, R. C. 1985. Stress and Rhythm in Brazilian Portuguese. *Language*. 61(2): 259-282.
- Marquilhas, R. 2003. Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas. In: I. Castro, I. Duarte (Org.). *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: INCM, II, 7-18.
- Mateus, M. H. M. 1982. Aspectos da Fonologia Portuguesa. Lisboa: INIC.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. 2003. Gramática da Língua Portuguesa. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H. M.; Delgado-Martins, M. R. 1982. Contribuição para o estudo das vogais átonas [ə] e [u] no português europeu”, in *Biblos*, LVIII, pp. 111-125.
- Mateus, M. H.; Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mattos e Silva, R. V. 2013. O Português do Brasil. In: E. P. Raposo et al. (Orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, I, 143-154.
- Padgett, J.; Tabain, M. 2005. Adaptive Dispersion Theory and Phonological Vowel Reduction in Russian. *Phonetica*. 62: 14-54.
- Pamies Bertrán, A. 1999. Prosodic Typology: On the Dichotomy between Stress-Timed and Syllable-Timed Languages. *Language Design*. 2: 103-130.
- Pike, K. N. 1945. *The Intonation of American English*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Schane, S. A. 1984. The Fundamentals of Particle Phonology. *Phonology Yearbook*. 1: 129-155.
- Spencer, A. 1996. *Phonology. Theory and Description*. Oxford: Blackwell.
- Stevens, P. D. 1954. Some Observations on the Phonetics and Pronunciation of Modern Portuguese. *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*. II: 5-29.
- Tranel, B. 1987. *The Sounds of French. An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Veloso, J. 2010. Central, epenthetic, unmarked vowels and schwas: A brief outline of some essential differences. *Linguística*. 5(1): 193-213.
- Veloso, J. 2012. Vogais centrais do português europeu contemporâneo: Uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos. *Letras de Hoje*. 47(3): 234-243
- Veloso, J. 2013. Redução do vocalismo átono do português europeu contemporâneo: Assimetria dos elementos de tonalidade e interação entre diversos tipos de redução vocálica. *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, 655-672.
- Veloso, J. 2016. O sistema vocálico e a redução e neutralização das vogais átonas em português europeu contemporâneo. In: A. M. Martins, E. Carrilho (Eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin: De Gruyter, 636–662.
- Veloso, J. 2019. Assimilação vocálica, coloração e coalescência em sequências V₁V₂ na diacronia e na sincronia do português: uma proposta descritiva baseada na fonologia dos elementos. In: E. Carrilho et al. (Orgs.). *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1515-1540.
- Veloso, J.; Martins, P. T. 2011. Etimologia Não é Morfologia: produtividade e composicionalidade na formação e processamento dos “compostos morfológicos” do português. *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, 558-573.
- Veloso, João. 2021. Element Iteration Respecification: Unstressed Word-Final [u] in Portuguese. *Linguística. Número Especial, In honorem Ana Maria Barros de Brito*: 393-412.

A todos quantos colaboraram, aos mais diversos níveis, com a comissão organizadora do LUSOCONF2021, expressamos a nossa gratidão.

Organizadores:



Patrocinadores:



Colaboradores:

